

## RESUMOS

**O Mundo Natural Asiático nos *Ragionamenti* de Francesco Carletti (1594-1606)**

A realidade que Francesco Carletti nos apresenta nos seus *Ragionamenti* é globalizante, no sentido geográfico do termo, e é única por ser descrita numa altura histórica particularmente relevante, entre os séculos XVI e XVII.

O final de Quinhentos constitui um período inovador. De grandes transformações no âmbito agrícola, comercial e, consequentemente, social e cultural. A visão do mundo está em constante mudança. O ver é agora mais apurado, mais científico e matemático.

O processo da viagem, como multiplicação da experiência humana no espaço geográfico, enriquece o contacto com o outro e com outras paisagens, civilizações, alimentos e cria uma evolução psicológica, interior e pessoal, fundamental para estas mudanças globais quinhentistas. Aqui se insere o global/particular de Carletti. Aquele processo que leva o autor a substituir o seu próprio imaginário simbólico pelo real objectivo ao longo da sua viagem. [Autor: Elisabetta Colla, pp. 11-29]

**Uma Erva de Muitas Virtudes. O Aloés Socotorino na Mira de Botanistas e Viajantes desde a Antiguidade até à Idade Moderna**

O aloés é considerado, desde a Antiguidade pré-clássica, uma *materia medica* de primeira importância no tratamento da obstipação, de infecções e inflamações, de feridas internas e externas, assim como de outros males de cabeça, dentes e estômago. No presente artigo, invocam-se os principais textos greco-romanos dedicados ao aloés, da autoria de Plínio e Dioscórides. Observa-se depois o aparecimento do aloés de Socotorá (*Suqutra*, actual Iémen) no panorama dos mercadores, geógrafos e físicos muçulmanos da Idade Média. Analisam-se por fim os desenvolvimentos em torno desta substância durante os séculos XVI a XVIII. Uma das particularidades da história em questão prende-se com uma confusão

recorrente entre uma certa qualidade de suco de aloés, chamado *succotrinum* ou *succorinum* desde a Idade Média, e uma espécie botânica africana que os autores do século XVIII convencionaram apelidar de *Aloe succotrina*. Na realidade, o melhor aloés socotorino provém de uma espécie identificada no século XIX como *Aloe Perryi*. As virtudes medicinais do aloés, laxantes ou adstringentes conforme a aplicação, constituíram objecto de debate aceso ao longo da Época Moderna. Ainda hoje, este género permanece mal estudado devido ao grande número das suas espécies e à complexidade química dos seus componentes.

[Autor: Zoltán Biedermann, pp. 30-48]

**“A Verde Folha da Erva Ardente”. O Consumo de Betele nas Fontes Europeias Quinhentistas**

O consumo de betele era um hábito social amplamente divulgado na Ásia quando os portugueses descobriram o caminho marítimo para a Índia. Tal como muitas outras práticas consideradas exóticas na Europa, também o consumo de betele era tema de relatórios pormenorizados por parte dos primeiros viajantes europeus modernos. As fontes portuguesas, assim como outras fontes europeias, redigidas nos séculos XVI e XVII guardam uma autêntica mina de informações, que ainda não foi devidamente explorada, acerca deste aspecto da vida diária no Oriente.

[Autor: Rui Manuel Loureiro, pp. 49-63]

**A Divulgação do Tabaco Brasileiro na China. A Miragem de Um Mercado**

Macau foi tradicionalmente a porta para a entrada do tabaco brasileiro na China. Com a expansão do cultivo da própria planta no Império, e apesar do aumento exponencial do consumo, aquele comércio nunca ultrapassou dimensões modestas. Porém, no início do século XVIII, por iniciativa particular primeiro, sob exclusivo estatal em seguida, desenvolve-se em Portugal um projecto comercial com vista a introduzir na China, em larga escala, o consumo de tabaco brasileiro em pó (não se trata de rapé,

mas de tabaco em pó seco). Esse tipo de tabaco, largamente excedentário nas fábricas portuguesas de Lisboa e do Porto, parece ter tido uma razoável aceitação inicial, mas, por razões específicas do mercado chinês e deficiências da administração portuguesa, esteve longe de atingir o esperado consumo de massas. Torna-se, no entanto, um produto de elites e nos saguatos enviados por Macau e pelos reis de Portugal à corte de Pequim o tabaco em pó está sempre presente e é objecto de muito bom acolhimento. Da mesma forma, as autoridades de Cantão adquiriam anualmente em Macau, através do respectivo *hopu*, uma quantidade certa do melhor tabaco em pó, que constituía o tributo da província de Guangdong ao imperador. O facto de a administração macaense nem sempre satisfazer cabalmente esse abastecimento foi, algumas vezes, objecto de crispação com os responsáveis provinciais chineses.

[Autor: Arlindo Manuel Caldeira, pp. 64-81]

**“Seduzido pela Sede de Conhecimento”. As Actividades Científicas de Engelbert Kaempfer na Pérsia da Dinastia Safavid (1683-1688)**

De 1683 a 1693, o médico e naturalista alemão Engelbert Kaempfer fez uma viagem memorável, desde a Suécia, passando por Moscóvia e Pérsia, até à Índia, Ceilão, Java, Sião e Japão. Homem dotado de notável energia, Kaempfer aproveitou todas as oportunidades disponíveis para registar as suas observações, que estão relacionadas com as nossas actuais disciplinas de cartografia, botânica, biologia, etnografia, arqueologia, história arquitectónica e medicina. O presente artigo tem por objectivo examinar as actividades científicas de Kaempfer enquanto se encontrava na Pérsia da dinastia Safavid, de 1683 a 1688. Durante a sua estadia, fez esboços de cidades e de locais arqueológicos, corrigiu observações dos anteriores viajantes europeus à Pérsia e fez numerosas descobertas relacionadas com a flora e a fauna persas. Na sua obra principal,

## RESUMOS

*Amoenitatum exoticarum politico-physico-medicarum fasciculi V* (1712) o autor realça o facto de na sua obra não se limitar a apresentar sob uma nova forma as anteriores informações seleccionadas de outros livros e relatos de viagens sobre ciência e história natural. Ao invés, Kaempfer relata as experiências vividas durante as suas viagens. Analisam-se ainda algumas passagens dos seus relatos para ilustrar a sua maneira de pensar, a forma como descreve e aborda determinado problema e as conclusões que retira do seu trabalho.  
[Autor: Elio Brancaforte pp. 82-99]

### Para Lá das Fronteiras da Europa. O Trabalho de Investigação Médica e as Terapêuticas Desenvolvidas por Engelbert Kaempfer

O médico vestefaliano Engelbert Kaempfer (1651-1716) ficou conhecido, sobretudo, pelas suas descrições do Japão, com especial destaque para as religiões, os costumes e o ambiente sociopolítico daquela ilha-nação, então fechada ao mundo. A investigação médica conduzida ao longo de uma década de viagens serviu-lhe para obter o doutoramento, no regresso à Europa, e viria a ser publicada no seu *Amoenitates exoticae*, datado de 1712. Os seus escritos sobre medicina foram traduzidos e constituíram tema de debate público, mas pouco se tem feito para divulgar a verdadeira acção de Kaempfer enquanto médico, ou os requisitos e significado de se ser médico naquela época, dois tópicos que abordamos neste artigo. Debruçamo-nos ainda sobre o enorme fosso que, em termos de saber e de estatuto, separava naquela época um vulgar médico de um cirurgião, e vemos até que ponto a sua contratação como cirurgião ao serviço da Companhia das Índias Orientais holandesa terá dado origem à diferença de expectativas da Companhia e do próprio Kaempfer, o que iria determinar, em última análise, o curso das viagens deste. Abordamos os seus exames e terapêuticas médicas, em particular na Pérsia e na Índia, e a forma como se deixara influenciar pelos trabalhos de Hipócrates e de Galeno. Analisamos também a sua obra, rica em detalhes e nunca editada, *Concilium*

*medicum* (Conselhos médicos), escrita num estilo clássico e em que pode ler-se a descrição, diagnóstico, prognóstico e tratamento da doença que afectou o governador holandês de Quilon. A postura de Kaempfer e o registo que fez das substâncias “tóxicas” com que se deparou na viagem pela Pérsia, designadamente o café, o ópio e a nicotina, são também objecto da nossa análise.  
[Autor: Beatrice M. Bodart-Bailey, pp. 100-120]

### Fármacos Chineses Usados na Medicina Portuguesa no Século XVIII

Viajantes mais ou menos anónimos transportaram ao longo dos séculos, nos dois sentidos Oriente-Occidente, quer por mar quer através dos corredores da Ásia interna, os mais diversos produtos, entre os quais alguns de natureza medicinal, o que veio a enriquecer o património cultural da humanidade. No presente trabalho procuramos demonstrar a utilização na medicina portuguesa setecentista e oitocentista de alguns produtos da riquíssima farmacopeia chinesa ainda hoje utilizados por muitos médicos tradicionais no Oriente.  
[Autor: Ana Maria Amaro, pp. 121-136]

### Os Apóstolos da Flora nas Índias Orientais. História Natural, Carl Lineu e as Viagens à Ásia Promovidas pela Suécia no Século XVIII

É propósito deste ensaio passar em revista os conhecimentos sobre a Ásia acumulados durante as viagens ao Oriente empreendidas pelos suecos no século XVIII. Era uma época em que a Suécia passara a fazer parte da vanguarda científica europeia graças à obra de Carl Lineu que, em 1730, propôs a adopção de um novo sistema de classificação do mundo natural. Era, também, o período em que o contacto dos suecos com a Ásia, e em particular com a China, se intensificava através das actividades da Companhia das Índias Orientais sueca. Com o objectivo de obter informação inédita sobre a flora e a fauna orientais, Lineu arranhou forma de os seus próprios alunos viajarem a bordo dos navios que

navegavam com a bandeira daquela Companhia. Lineu estava convicto de que o progresso económico e o avanço da ciência se achavam intimamente ligados e incentivou os seus alunos a descreverem os mais ínfimos aspectos das sociedades chinesa e asiática. Estes homens trouxeram, assim, um imenso manancial de informação não só sobre o mundo natural mas também sobre temas como a agricultura, a indústria e o comércio. Na Suécia, os relatos relacionados com a Ásia eram também intensamente promovidos e financeiramente apoiados pela Academia Real das Ciências sueca, de que o próprio Lineu era membro fundador. Diários de viagem, espécimes e colecções de história natural passaram a integrar os arquivos e as colecções da Academia no decorrer do século. A experiência sueca na Ásia pouco atraiu as atenções dos meios eruditos para lá das fronteiras do país, dado que grande parte daquele material não chegou a ser editado ou traduzido. Este artigo tem por objectivo descrever as incursões suecas na Ásia durante o século XVIII e apresentar uma panorâmica bibliográfica das publicações, até à data pouco conhecidas, e do material de arquivo relacionado com o Extremo Oriente e editado em língua sueca.  
[Autor: Christina Granroth, pp. 137-156]